

Coesão textual em

“Sempre é uma companhia”, de Manuel da Fonseca

Idalina Ferreira¹ e António Leal²

Resumo

Este trabalho apresenta uma proposta de articulação entre o estudo da gramática e a interpretação de texto literário, que pode ser implementada no ensino secundário. O objeto de estudo é o conto “Sempre é uma companhia”, de Manuel da Fonseca, e os conteúdos gramaticais escolhidos são os processos de coesão, em particular a anáfora, e alguns dos mecanismos linguísticos que estão ao seu serviço.

Num primeiro momento, após uma breve reflexão sobre a forma como estes elementos gramaticais são abordados nos documentos orientadores emanados do Ministério da Educação, é feita uma caracterização das anáforas e dos determinantes artigos do ponto de vista linguístico. Num segundo momento, procede-se a uma análise da situação inicial e da primeira peripécia do conto, articulando a sua interpretação com uma análise das cadeias anafóricas e dos mecanismos linguísticos usados para introduzir e retomar referentes discursivos.

Palavras-chave: coesão, anáfora, artigos, ensino da gramática, análise de texto literário

Abstract

This paper puts forward a proposal that relates the study of grammar and the interpretation of literary texts, which can be implemented in secondary schools. The object of study is the short story “Sempre é uma companhia” by Manuel da Fonseca, and the grammatical contents at issue are the cohesion processes, in particular anaphora, and some of its underlying linguistic mechanisms.

Firstly, after briefly reflecting on how these grammatical elements are addressed in the guiding documents published by the Ministry of Education, anaphora and article determiners are characterised from a linguistic point of view. Secondly, we analyse the story's initial situation and the inciting incident, relating their interpretation to anaphoric chains and the linguistic mechanisms used to introduce and resume discursive referents.

Keywords: cohesion, anaphor, articles, grammar teaching, literary analysis

0. Introdução

Para ser facilmente compreendido, um texto deve ser organizado, coerente e satisfazer determinados objetivos comunicativos (cf. Mendes, 2013). Para o conseguir, é necessário observar os mecanismos linguísticos que possam unir as diferentes partes de um texto de modo a darem-lhe significado (cf. Lopes & Carapinha, 2013).

Reconhecendo a importância que, para a interpretação dos textos, tem a sua estrutura e o conhecimento dos mecanismos que os organizam, nas *Aprendizagens essenciais de Português - AEP* (Direção-Geral da Educação, 2018) destinadas ao Ensino Secundário emanadas do Ministério da Educação de Portugal através do Despacho n.º 8476 – A/2018, propõe-se que os alunos analisem, identifiquem e avaliem os instrumentos que contribuem para a progressão temática, nomeadamente os processos de coerência e coesão.

¹ Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP), idalinaferreira9@gmail.com.

² Faculdade de Letras da Universidade do Porto/ CLUP, jleal@letras.up.pt.



Com o objetivo de contribuir para a consecução desta proposta, este trabalho tem como objetivo fazer uma interpretação das primeira e segunda partes, isto é, da situação inicial e da complicação, do conto “Sempre é uma companhia”, de Manuel da Fonseca, que faz parte dos conteúdos para o 12.º ano de escolaridade em Portugal, tendo em conta a sua organização textual. Apesar de essa organização estar dependente de vários princípios, vamos deter-nos apenas num dos parâmetros que os sustentam, que se encontra previsto nas Aprendizagens Essenciais propostas para o Ensino Secundário – a coesão. A escolha destes tópicos gramaticais e do texto a analisar prende-se sobretudo com o facto de serem passíveis de serem testados em contexto de exame nacional, pelo que são (ou devem ser) objeto de particular atenção no trabalho em sala de aula.

Subjacente à proposta de análise que aqui apresentamos está a ideia de que, embora os conteúdos gramaticais e de análise literária devam ter, na aula de língua materna, espaço para tratamento autónomo, é também benéfica uma abordagem a estas áreas que explicitamente as articule. Este é o princípio fundamental da proposta da Pedagogia dos Textos/Discursos (cf., e.g., Fonseca, 2000), que propõe “uma reflexão sobre a estrutura e as regras de funcionamento da língua como ferramenta para a construção do sentido do texto” (Silvano & Rodrigues, 2010, p. 278) e que constitui o ponto de partida de diversas propostas já publicadas (e.g. Leal *et al.*, 2015).³

Numa primeira parte, analisaremos os conteúdos apresentados nas Aprendizagens Essenciais; numa segunda parte, apresentaremos os diferentes tipos de anáfora como exemplos de mecanismos linguísticos fundamentais que colaboram na progressão do texto e o tornam interpretável; numa terceira parte, abordaremos o papel que os artigos definido e indefinido assumem na organização textual e, de seguida, sugeriremos uma análise da estrutura do referido conto de Manuel da Fonseca tendo como base esses elementos linguísticos como possíveis desencadeadores de coesão. Terminaremos com algumas considerações gerais sobre o estudo feito.

1. A estruturação e organização do texto na proposta das “Aprendizagens Essenciais para o Ensino Secundário”

A proposta sugerida no documento oficial *Aprendizagens Essenciais para o Ensino Secundário* (DGE, 2018) incide, por um lado, sobre os conhecimentos de organização e estruturação textuais que os alunos deverão ter adquirido até ao final desse nível de escolaridade. Para atingir esses objetivos, a coesão textual e os mecanismos de progressão, em qualquer texto, devem ser identificados, analisados e explicados. Por outro lado, o mesmo documento oferece exemplos de estratégias de exercitação, no plano oral, de forma que um texto seja compreendido corretamente, e, no plano da escrita, de forma que cumpra os requisitos a que a coesão textual obriga.

Como se pode observar no Quadro 1 abaixo, o reconhecimento da necessidade da existência da coesão e da coerência num texto, a análise e a avaliação dos processos que lhes estão subjacentes fazem parte dos conhecimentos, capacidades e atitudes que se exigem aos alunos no decorrer dos três anos de escolaridade do Ensino Secundário em Portugal. Nota-se ainda a importância que é atribuída à anáfora como elemento linguístico fundamental na progressão textual.

³ Cf. também Silvano & Rodrigues (2010) para uma proposta de integração da Pedagogia dos Discursos com a metodologia do Laboratório Gramatical (Duarte, 1992).

Conhecimentos, capacidades e atitudes	Ações estratégicas de ensino orientadas para o perfil dos alunos
<p>10.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a anáfora como mecanismo de coesão e de progressão do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> Exercitação, no modo oral e escrito, de processos discursivos e textuais que tornem possível analisar propriedades configuradoras da textualidade (progressão temática, coerência, coesão); Identificação de processos de referência anafórica em enunciados orais e escritos.
<p>11.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> Analisar processos de coesão e de progressão do texto como a anáfora. Utilizar intencionalmente os processos de coesão textual (gramatical e lexical). 	<ul style="list-style-type: none"> Exercitação, no modo oral e escrito, de processos discursivos e textuais que tornem possível analisar propriedades configuradoras da textualidade (progressão temática, coerência, coesão).
<p>12.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> Demonstrar, em textos, os mecanismos anafóricos que garantem as cadeias referenciais; Avaliar um texto com base nas propriedades que o configuram (processos de coesão e coerência). 	<ul style="list-style-type: none"> Exercitação e análise, no modo oral e escrito, de processos discursivos e textuais que tornem possível explicitar meios para dar coesão e coerência a um texto.

Quadro 1. A coesão e a coerência nas *Aprendizagens Essenciais para o Ensino Secundário*

A explicitação dos processos de coesão, em geral, e da anáfora, em particular, é, assim, uma atividade a desenvolver com os alunos na sala de aula, quer no contexto de discurso oral, quer no de discurso escrito. É este segundo tipo que será exemplificado com o conto “Sempre é uma companhia”, não sem antes ser feita uma recapitulação do que se entende por “anáfora” e de quais os elementos linguísticos mais relevantes para o seu estudo no referido conto.

2. Sobre a organização textual – as anáforas

A coesão textual convoca um leque abrangente de mecanismos linguísticos. Efetivamente, ela “assenta na retoma adequada de entidades referidas anteriormente no texto, na articulação de informação conhecida, já apresentada, com informação nova trazida por cada frase subsequente, na progressão dos temas introduzidos, na utilização de marcadores que asseguram a coesão entre frases e na coesão temporal entre as situações expressas nas frases” (Mendes, 2013, p. 1694). Esta autora refere ainda que, no caso da coesão referencial, a que nos importa neste trabalho, ela só será estabelecida se o interlocutor puder identificar corretamente os referentes.

Observem-se os seguintes exemplos:

(1) O menino não chegou a ver o elefante no Zoo. O presidente estava doente.

- (2) O Papa assistiu à atuação da Carminho. O Sumo Pontífice ficou emocionado.
- (3) A situação dos professores ainda não está totalmente resolvida. Isto perturba o início do ano escolar.

O exemplo (1) é pouco aceitável, pois não existe coesão. Na verdade, os elementos coesivos apontam sempre para determinados ‘referentes’ (cf. Esparza Torres, 2006, 87). Contudo, neste caso, o elemento coesivo não existe, pois não há correferência: o elemento que poderia constituir uma anáfora (“o presidente”) não remete para nenhum dos referentes introduzidos na frase anterior. Já nos outros exemplos claramente existe coesão e, nestes, o elemento coesivo é uma anáfora que pertence a duas classes de palavras: em (2), uma expressão nominal com um nome como núcleo (“O Sumo Pontífice”) e, em (3), um pronome (“Isto”). Outros exemplos poderiam ser apontados com outras classes de palavras, como os advérbios.

De facto, há diversos mecanismos que “permitem sequenciar o texto do ponto de vista referencial, ou, de forma mais concreta, que garantem a referência à mesma entidade do mundo ao longo do texto” (Lopes & Carapinha, 2013, p. 55), sendo a anáfora um dos mecanismos mais relevantes para esse efeito. Estes mecanismos contribuem para a criação da continuidade da informação veiculada pelo texto, pela criação e manutenção de tópicos discursivos e, desta forma, para a unidade textual (Lopes & Carapinha, 2013).

A tipologia de anáforas é uma questão de debate, motivado, entre outros aspetos, pelo enquadramento teórico em que cada proposta se insere. Há, contudo, certos aspetos que são consensuais e que se revelam adequados para serem usados em contexto de sala de aula. A terminologia que usamos neste trabalho baseia-se nas sínteses feitas em Silva (2005) e Lopes & Carapinha (2013), embora não sejam as únicas.

Há dois grandes grupos de anáforas: as correferenciais (ou diretas) e as não correferenciais (ou indiretas). A diferença entre estes grupos tem a ver com o tipo de referência que é feita pelo primeiro termo – o antecedente – e o segundo termo – o anafórico.

Nas anáforas correferenciais, o termo anafórico remete para o mesmo referente que o termo antecedente (cria-se correferência). Os exemplos que se seguem ilustram diferentes tipos de anáforas correferenciais. Assim, em (4) encontramos duas instâncias de anáfora: (i) o termo anafórico é um pronome, “se” (anáfora pronominal; cf. Lopes & Carapinha, 2013); (ii) o termo anafórico é o sujeito nulo da oração coordenada copulativa (anáfora zero; cf. Lopes & Carapinha, 2013)

- (4) *O rapaz vestiu-se e [-] saiu de casa.*

Em (5)-(6), encontramos casos em que o termo anafórico retoma, parcial (cf. (5)) ou totalmente (cf. (6)), o núcleo nominal do termo antecedente.

- (5) *Um rapaz alto e com ar calmo entrou na sala com um embrulho debaixo do braço. O rapaz dirigiu-se à mesa com um passo determinado.*
- (6) *Um rapaz entrou na sala com um embrulho debaixo do braço. O rapaz dirigiu-se à mesa com um passo determinado.*

Já em (7) a retoma é feita por um termo anafórico cujo núcleo estabelece com o núcleo do termo antecedente uma relação de sinonímia.

- (7) *Um rapaz entrou na sala com um embrulho debaixo do braço. O adolescente dirigiu-se à mesa com um passo determinado.*

O exemplo (8) ilustra a retoma feita por um termo anafórico cujo núcleo estabelece com o núcleo do termo antecedente uma relação de hiperonímia.

- (8) *Fugiu do zoo de Berlim um tigre. O felino passeou-se pela cidade durante duas horas, até ser recapturado.*

Quanto ao exemplo (9), ilustra aquilo que, em Silva (2005, p. 110), se designa por ‘termo genérico, o qual permite “estabelecer de forma pouco informativa a recategorização do antecedente”.

- (9) *A PSP apreendeu dois computadores portáteis, dezenas de telemóveis e cinco televisões durante uma rusga no Bairro dos Sapateiros. O material tinha sido furtado no dia anterior.*

Finalmente, em (10), encontramos um caso em que o termo anafórico corresponde a uma descrição definida, que põe em relevo uma “determinada propriedade caracterizadora do referente, podendo ter uma função de natureza mais descritiva [...] ou avaliativa” (Silva, 2005, p. 111).

(10) *José Mourinho* foi visto a passear por Setúbal. *O treinador da Roma* estava a passar férias com a família.

Recapitulando, podemos organizar as anáforas correferenciais (ou diretas) do seguinte modo:

Anáforas correferenciais (diretas)			
<i>exemplo</i>	<i>antecedente</i>	<i>termo anafórico</i>	<i>tipo de anáfora</i>
(4)	O rapaz	se	pronominal
(4)	O rapaz	[-] (sujeito nulo)	zero
(5)	Um rapaz alto e com ar calmo	O rapaz	por retoma parcial do núcleo nominal antecedente
(6)	Um rapaz	O rapaz	por retoma total do núcleo nominal antecedente
(7)	Um rapaz	O adolescente	por sinonímia
(8)	(...) um tigre	O felino	por hiperonímia
(9)	(...) dois computadores portáteis, dezenas de telemóveis e cinco televisões	O material	por termo genérico
(10)	José Mourinho	O treinador da Roma	por descrição definida

Quadro 2. Exemplos de anáforas diretas

Passemos agora às anáforas não correferenciais, ou indiretas, que se caracterizam por (i) termo antecedente e termo anafórico terem referentes distintos e (ii) por o termo anafórico servir, ao mesmo tempo, para evocar informação anteriormente introduzida no texto e para introduzir um novo referente discursivo.⁴

As anáforas não correferenciais podem ser, de acordo com Silva (2005), de três tipos: associativas, não associativas e por nominalização.

No caso das anáforas associativas, o termo anafórico é uma expressão definida cuja interpretação está dependente do cotexto prévio, embora não tenha uma expressão antecedente explícita com a qual mantenha uma relação de correferência. O termo anafórico liga-se ao cotexto prévio por alguma relação léxico-semântica ou léxico-conceptual. Vejamos os seguintes exemplos.

(11) Tenho *um carro* que esteve parado durante um ano. *Os pneus* estão vazios.

(12) Uma pessoa *foi morta* a tiro no Bairro dos Sapateiros. *O assassino* continua a monte.

Em (11), encontramos um caso de anáfora associativa em que a relação léxico-semântica que se estabelece entre o termo anafórico e a expressão antecedente é a de meronímia (os pneus são uma parte constitutiva de um carro). Já em (12), a relação que se estabelece é entre a expressão nominal “o assassino” e o predicador verbal. Efetivamente, na estrutura argumental de “matar” podemos encontrar uma posição para um argumento que desempenha a função semântica de agente. Desta forma, o termo anafórico é interpretado como o agente selecionado por “matar” (na literatura, este tipo de anáfora é tipicamente designado de ‘actancial’).

⁴ “Trata-se de um caso de referência indirecta, em que uma expressão referencial se encontra na dependência interpretativa de uma entidade da estrutura textual precedente, e cumpre duas funções básicas: introduzir novos referentes e continuar a relação de referência.” (Silva, 2005, p. 122-123)

Já as anáforas não associativas correspondem a casos de não correferência que não evidenciam relações léxico-semânticas ou léxico-conceptuais entre termos anafórico e antecedente, tal como indicado nas anáforas associativas. O exemplo (13) é um desses casos. O pronome “as”, na pergunta, tem um antecedente explicitado na frase anterior (“uma faca”), mas o referente do antecedente e o do termo anafórico não é o mesmo: enquanto o antecedente designa uma entidade do conjunto denotado pelo nome “faca”, o pronome designa um tipo de objeto, do qual o antecedente será uma mera instância.

(13) Preciso de *uma faca*. Onde é que tu *as* guardas?

Por seu lado, (14) e (15) exemplificam o terceiro tipo de anáfora não correferencial, a anáfora por nominalização⁵. Neste caso, o termo anafórico corresponde a uma expressão nominal que tem um referente textual ou abstrato. A expressão nominal funciona como uma espécie de síntese e/ou de catalogação de um enunciado ou de um ato enunciativo prévio. Assim, em (14), a expressão nominal “a ideia” expressa o valor que deve ser atribuído à situação descrita na frase anterior. Por seu lado, em (15) a expressão nominal “a afirmação” caracteriza o ato comunicativo que corresponde ao enunciado anterior.

(14) Os filhos poderiam estar sozinhos no mar, ou a passear por perigosas zonas rochosas. A ideia deixava-a transtornada.

(15) O João disse que ia viajar até à lua. A afirmação deixou toda a gente boquiaberta.

É de salientar que, embora o foco desta breve revisão tenha sido uma tipologia de anáforas nominais, existem outros tipos de retoma de conteúdo proposicional que não usam expressões com núcleo nominal. São os casos de (16), com o termo anafórico a ser realizado pelo advérbio “assim”, e (17), com o pronome “isto” a retomar o conteúdo proposicional das orações anteriores.

(16) “*Estive a soro durante 5 dias, tomei dois antibióticos e muitos antipiréticos. Foi assim que curei a minha gripe do último Inverno*” (Lopes & Carapinha, 2013, p. 70).

(17) “*Mudou a estrutura familiar, os filhos e as filhas têm cada vez menos tempo para cuidar de pessoas que não produzem, e os idosos são os que mais sofrem com isto.*” (Lopes & Carapinha, 2013, p. 71)

Em jeito de resumo, observe-se o quadro abaixo sobre as anáforas não correferenciais ou indiretas referidas anteriormente.

Anáforas não co-referenciais (indiretas)				
<i>exemplo</i>	<i>antecedente</i>	<i>termo anafórico</i>	<i>tipo de anáfora</i>	
(11)	um carro	Os pneus	associativa	por meronímia
(12)	foi morta	O assassino		actancial
(13)	uma faca	as	não associativa	
(15)	O João disse que ia viajar até à lua.	A afirmação	por nominalização	

Quadro 3. Exemplos de anáforas indiretas⁶

⁵ Em Lopes & Carapinha (2013:69), casos como (14) e (15) são classificados como “nominalizações resumptivas”.

⁶ Este quadro é meramente ilustrativo dos exemplos referidos no corpo do texto, não sendo, de maneira nenhuma, exaustivo relativamente às possibilidades de realização de anáforas não correferenciais. Para uma descrição mais completa, ver Silva (2005).

3. Sobre os artigos definidos e indefinidos



Os artigos definido e indefinido assumem um papel relevante na coesão textual, dado que o seu licenciamento está relacionado com a evocação de referentes discursivos, estando o artigo indefinido tipicamente envolvido na introdução de novos referentes discursivos, enquanto o artigo definido faz a retoma desses mesmos referentes em fases subsequentes do texto. Como se pode observar em (6), por exemplo, embora a entidade referida pelo antecedente seja a mesma do termo anafórico, o estabelecimento da cadeia anafórica envolve a substituição do artigo indefinido (na primeira frase) pelo artigo definido (na segunda frase). Veja-se (6a), que mostra que não é possível, neste contexto, que o termo anafórico refira a mesma entidade que o antecedente, mantendo o artigo indefinido que ocorre no antecedente. (6a) só é aceitável no caso de os sujeitos de ambas as orações remeterem para referentes distintos, ou seja, se “um rapaz” na primeira frase referir uma entidade A, enquanto “um rapaz” na segunda frase referir uma entidade B. Neste caso, não há correferência, nem anáfora.

(6a) *Um rapaz* entrou na sala com um embrulho debaixo do braço. */# *Um rapaz* dirigiu-se à mesa com um passo determinado.

Não sendo os únicos elementos linguísticos envolvidos na construção do que se designa por cadeias referenciais, i.e., conjuntos de expressões linguísticas que remetem para um mesmo referente, os artigos têm, não obstante, um papel bastante importante na coesão textual, em particular na coesão referencial.

Quando combinado com um nome comum (com ou sem complementos e/ou modificadores), o artigo definido tem subjacente um compromisso existencial e um requisito de unicidade (cf. Russell, 1905; Reichenbach, 1947). No primeiro caso, isso significa que deve haver uma entidade que corresponda à descrição fornecida pela expressão nominal que inclui o artigo definido. Já o requisito de unicidade implica que haja apenas uma entidade com tais características.

Deste modo, o artigo definido no singular pode ser usado para designar a única entidade que tem a propriedade expressa por esse nome. Efetivamente, o artigo definido concretiza uma operação de definitivização, estabelecendo tipicamente uma correspondência entre a expressão linguística e uma única entidade. Isso acontece porque a entidade é apresentada como estando perfeitamente identificada pelo locutor, que pressupõe ainda que a entidade é identificável pelo interlocutor, na medida em que será capaz de construir a sua representação mental de forma adequada.

Por seu lado, no plural, uma expressão nominal com artigo definido denota a coleção máxima de entidades que têm a propriedade expressa por esse nome comum no contexto de utilização, na medida em que apenas a totalidade de entidades pode ser identificada pelo interlocutor de forma inequívoca.

Desta forma, num enunciado como (18), o locutor está a assumir que existe uma entidade que faz parte do conjunto dos rapazes (que é “rapaz”) e que, no contexto em que o enunciado é produzido, essa entidade é a única que é cognitiva e discursivamente relevante, pelo que pressupõe que o seu interlocutor será capaz de a identificar. Por seu lado, em (19), a expressão nominal “os rapazes” denota a coleção máxima de entidades que, no contexto, são rapazes, ou seja, a totalidade dos rapazes identificados pelo locutor e assumidos como identificáveis pelo interlocutor. Não se trata, portanto, da totalidade dos rapazes que existem no mundo, mas da totalidade dos rapazes no contexto em que o enunciado é produzido⁷.

(18) *O rapaz* leu o livro.

(19) *Os rapazes* leram o livro.

As expressões nominais com artigo definido podem ser usadas em diversos contextos (cf. Leonetti, 1999; Leal, 2009). O uso básico é o ‘deítico’, ilustrado em (18) e (19), quando o referente da expressão nominal é perfeitamente identificado pelo interlocutor no contexto em que o enunciado é produzido. Efetivamente, sem o devido contexto (no caso em apreço, sem se saber de que rapaz ou rapazes se trata), não é possível atribuir

⁷ Podemos considerar que este requisito de unicidade é a interpretação por defeito do artigo definido, que pode ser cancelada em certas circunstâncias (cf., e.g., Leal, 2009, para um aprofundamento deste aspeto).

uma interpretação aos exemplos (18) e (19). Contudo, esta restrição contextual nem sempre se coloca, nomeadamente no caso de expressões nominais que, pela sua constituição, fornecem informação suficiente para permitir a identificação inequívoca do referente. Isso acontece quando a expressão nominal contém complementos ou modificadores (adjetivais, preposicionais ou oracionais) com capacidade para, do conjunto potencial denotado pelo nome nuclear, extrair um subconjunto que seja único. Vejam-se os exemplos (20), com uma relativa restritiva, (21), com um complemento de um nome relacional, e (22), com um adjetivo no grau superlativo, que ilustram esta possibilidade de leitura das expressões nominais definidas, designada de ‘endofórica’ (Leonetti, 1999).

(20) *O rapaz que é filho do vizinho do 3.º esquerdo* leu o livro.

(21) *O irmão do atual Presidente da República* leu o livro.

(22) *O rapaz mais inteligente à face da Terra* leu o livro.

Um caso diferente é o ilustrado em (23). Neste exemplo, a expressão nominal “o rapaz”, na segunda frase, estabelece uma ligação com uma outra expressão nominal que a antecede no discurso, “um rapaz”, e é essa ligação que garante a interpretabilidade da expressão nominal definida: o seu referente é o mesmo da expressão indefinida que ocorre na frase anterior. Esta relação exemplificada em (23) é, por seu lado, parcialmente distinta da que é exemplificada em (11), agora retomado como (24): aqui, o licenciamento da expressão nominal definida “os pneus” é feito por ligação com a expressão nominal antecedente “um carro”, embora não partilhem o mesmo referente. Este contexto de utilização do artigo definido é designado de ‘anafórico’, em (23), e ‘anafórico associativo’, em (24) (cf. secção anterior).

(23) Conheci *um rapaz* que nunca tinha lido nada de Saramago, e ofereci-lhe o *Memorial do Convento*.
O rapaz leu o livro no mesmo dia em que o recebeu.

(24) Tenho *um carro* que esteve parado durante um ano. *Os pneus* estão vazios.

Passemos agora às expressões nominais com artigo indefinido. Estas expressões, no singular, caracterizam-se pela extração de uma entidade do conjunto denotado pelo nome nuclear, mas sem indicações para a identificação desse mesmo referente (indefinitude). Esta característica, que o artigo indefinido partilha com os quantificadores não universais, permite, por exemplo, que possa ser usado para introduzir novos referentes discursivos: na presença de uma expressão nominal com artigo indefinido, o interlocutor assume que está a ser introduzida uma nova entidade no discurso, dado que não existe indicação de que esse referente é identificável. O exemplo (24) ilustra este aspeto: a expressão nominal “um carro” introduz um novo referente, que passa a estar disponível para estabelecer relações de sentido com expressões nominais subsequentes (os pneus referidos na segunda frase pertencem ao carro referido na primeira frase). Inversamente, uma expressão nominal com artigo indefinido não é tipicamente usada para retomar referentes previamente introduzidos no discurso⁸, como se viu a propósito de (6a).

Após estas breves considerações sobre anáforas e sobre a interpretação dos artigos, na secção seguinte procuraremos mostrar uma forma de colocar estes conceitos ao serviço da análise do texto literário nas aulas do ensino secundário, a propósito do conto “Sempre é uma companhia”.

4. Análise do texto

De acordo com Adam (2001), uma sequência narrativa prototípica é composta por uma situação inicial, que é quebrada por uma complicação, desencadeando uma série de ações e reações. Esta série é terminada por uma resolução, que instaura uma situação final.

O texto em análise, “Sempre é uma companhia”, foge um pouco a este esquema prototípico. Por um lado, a situação final é apresentada de uma forma abrupta e inferencial. Por outro lado, o texto caracteriza-se por um desequilíbrio entre as partes constitutivas. Efetivamente, uma simples contagem de palavras mostra que a

⁸ Note-se que há casos em que essa retoma através de expressões nominais com artigo indefinido é possível, mas está circunscrita a certos casos de anáfora (cf., e.g., Leonetti, 1999; Silva, 2005).

situação inicial ocupa 42,3% do texto (1136 palavras, parágrafos 1-22), enquanto a complicação ocupa 32,6% (874 palavras, parágrafos 23-66). Serão estas as partes a que foi dada maior importância, compreendendo 74,9% do texto, e serão elas o nosso objeto de análise.

4.1. Análise da 1.^a parte (situação inicial)

A situação inicial constitui-se como uma descrição não só da personagem principal e do seu modo de vida, mas também uma descrição do espaço físico (uma aldeia no Alentejo) e social em que se desenrola a ação. Esta longa descrição feita no início do conto põe em evidência temas que são recorrentes na prosa e na poesia do autor⁹: por um lado, os espaços físicos alentejanos e a solidão que despertam¹⁰; por outro, as pessoas que neles habitam, os seus problemas, frustrações e incapacidade para alterar o estado de coisas em que estão embrenhados.¹¹

No sentido de intensificar a ideia de que, na vida das personagens, reinava o tédio e o marasmo, o autor recorreu ao uso do artigo definido para introduzir referentes discursivos. Efetivamente, na primeira parte do conto (a maior), há apenas quatro casos de introdução de novos referentes através de expressões nominais indefinidas. As restantes, ao serem introduzidas por artigo definido, passam para o leitor a informação de que se trata de informação já conhecida – das personagens, mas também do leitor – reforçando a ideia de monotonia que perpassa esta parte inicial da história. O conto caracteriza-se assim por ter uma situação inicial que, embora novidade para o leitor, é apresentada como informação mais do que conhecida do ponto de vista das personagens. Contudo, as estratégias que licenciam esse uso do artigo definido não são sempre as mesmas. Vejamos mais em pormenor de que maneira a introdução dos referentes discursivos é feita.

Batola

A caracterização desta personagem é feita ao longo de toda a primeira parte do conto. Este referente é introduzido através de nome, “António Barrasquinho”¹². O primeiro caso de correferência é através da alcunha, “o Batola”, em aposto ao nome, num caso de correferência não anafórica: efetivamente, as expressões nominais (“António Barrasquinho” e “o Batola”) não dependem uma da outra para serem referencialmente completas.

Sendo a personagem principal, é, naturalmente, muitas vezes retomado através de anáfora zero, dado o narrador estar a relatar o seu dia-a-dia (“Não faz nada, levanta-se quando calha, e ainda vem dormindo...”). Este uso de anáfora zero vai sendo quebrado pelo recurso espaçado da anáfora direta por repetição da alcunha (“o Batola”), assim como pela anáfora direta pronominal (“Ele quase...”; “...encostar-se...”; “... abrem-se-lhe...”; “... no jeito que lhe...”; “... vai-lhe...”; etc.).

Relativamente ao uso de expressões com artigo definido seguido de nome comum, é feita uma vez a retoma através da anáfora direta, quando a personagem é referida metonimicamente através da referência a um dos seus adereços, o “chapeirão redondo” (“O chapeirão redondo volta-se, vagaroso...”). É, contudo, de destacar que, nos primeiros parágrafos, é usada amiúde a anáfora indireta associativa (de tipo meronímico)

⁹ “Tem sido focada a proximidade entre poesia e prosa de ficção na obra de Manuel da Fonseca. Em poemas, contos e romances surgem os mesmos temas – a alienação, a frustração, a nostalgia da infância... Nos vários textos ecoam as mesmas vozes, assumidas muitas vezes por personagens idênticas [...]. Os mesmos mitos, o mesmo espaço, neles e por eles encontramos evocados.” (Rocheta, 1980, p. 69-70)

¹⁰ “Outro dos espaços em que a poesia de Manuel da Fonseca enraíza é o da terra alentejana: os homens, as coisas, o meio ambiente. [...] De qualquer forma, dêem-se-lhe as voltar que se houver por bem, não há dúvida de que o Alentejo está na poesia de Manuel da Fonseca, revelado na solidão dos descampados, na amargura dos dias, no sofrimento e quase desespero dos homens.” (Belchior, 1980, p. 13-14)

¹¹ “Surgem esmaecidas nesta passividade, num letargo que lhes veda o acesso ao concreto, à deriva entre lampejos de memória, vislumbres, clarões que escassamente iluminam a névoa que lhes tolda o olhar – fogo latejando entre cinzas.” (Rocheta, 1980, p. 56)

¹² A utilização de artigo definido com nomes próprios em Português Europeu não evidencia os mesmos padrões que quando combinado com nomes comuns (e descrita na secção 3.), não sendo, nomeadamente, sensível à questão da introdução/retoma de referentes. Para o uso do artigo com nomes próprios, ver Soares (1998).

para, retomando o referente, o caracterizar através da sua descrição física, nomeadamente pela referência a partes do corpo (“a cara redonda”; “as pernas arqueadas”; “o pescoço”; “as mãos”; “os olhos”; “o queixo”; “as mãos grossas”). Esta estratégia permite, enquanto introduz novos referentes discursivos, retomar o referente “Batola”, do qual os novos referentes são parte. Finalmente, a retoma anafórica é ainda feita por anáfora indireta associativa, na referência à mulher no início do segundo parágrafo (“É a mulher quem abre...”): o nome “mulher” é aqui interpretado como sinónimo de “esposa”, sendo, portanto, a mulher do Batola.

Em suma, quer nos casos de anáfora direta, quer nos casos de anáfora indireta, os termos anafóricos correspondem a expressões definidas, com artigo: nestes casos, o uso do artigo definido relaciona-se com o facto de já ter sido introduzido o referente discursivo (“António Barrasquinho”), pelo que o artigo definido dá a instrução ao interlocutor de que o referente é já conhecido.

A mulher

A caracterização da mulher concentra-se numa primeira parte, que corresponde aos segundo e terceiro parágrafos, e numa segunda parte, que corresponde aos décimo primeiro e décimo segundo parágrafos.

Este referente é introduzido por expressão definida, que se liga, por anáfora associativa, a “Batola” (“É a mulher quem abre a venda e avia aquela meia dúzia de fregueses de todas as manhãzinhas.”).

De destacar que a frase que a introduz é uma frase predicativa identificacional, com um sujeito realizado por uma oração substantiva relativa (“quem abre a venda e avia aquela meia dúzia de fregueses de todas as manhãzinhas” e o predicativo do sujeito realizado pela expressão nominal “a mulher”. Este parágrafo termina da mesma maneira: com uma frase predicativa identificacional, em que o sujeito é uma oração substantiva relativa (“... quem ali põe e dispõe.”) e o sujeito realizado agora pela forma pronominal “ela”. De certa forma, a caracterização da mulher, neste parágrafo, passa não só por aquilo que ela é, mas, principalmente, por aquilo que ela faz (por contraste com a apatia e preguiça do marido).

O referente de “a mulher” é, algumas vezes, retomado através de anáfora zero, (“... volta à lida da casa”; “...quando entra para os fundos da casa...”; “Desfaz compras, encomendas, negócios.”; “E assim tem governado a casa.”). A esta lista pode-se acrescentar um caso de frase elíptica, com omissão não só de sujeito, mas também de verbo (“Muito alta, grave, um rosto ossudo e um sossego de maneiras ...”). Outras retomas são feitas por anáfora direta pronominal (“...que é ela...”; “...quase lhe não...”; “Ela, silenciosa e distante...”; “...como ela entende...”; “... encará-la.”).

Para concluir, a mulher é introduzida no discurso através de uma expressão definida, que corresponde a uma anáfora indireta associativa, ligando-a à personagem Batola. Contudo, as cadeias referenciais são feitas, à exceção de duas substantivas relativas, por casos de sujeito nulo (anáfora zero) ou pronomes pessoais (anáfora pronominal).

Os restantes referentes que constituem o espaço físico e social (ou relacionados com o próprio discurso) são introduzidos, com raríssimas exceções, por expressões nominais definidas, realizando tipos diversos de anáforas indiretas – introduzindo informação nova, mas ligando-a, ao mesmo tempo, a informação já conhecida.

A casa

O referente de “a casa” é introduzido por uma expressão definida (“lá dos fundos da casa.”), o que constitui uma anáfora indireta associativa (a casa onde mora Batola). Este referente é retomado sempre por anáfora direta por repetição (“volta à lida da casa.”; “... os fundos da casa...”; “... tem governado a casa.”; “... para trás da casa.”). Este referente divide-se em duas partes: a parte doméstica, designada como “os fundos”, e a parte comercial, designada como “a venda”. É esta que é destacada na ação (nada é referido a propósito dos fundos).

A venda

Este referente é introduzido por uma expressão definida (“É a mulher quem abre a venda.”), que se constitui como uma anáfora indireta associativa (a venda que existe na casa). A cadeia anafórica que envolve

este referente é construída sempre com a anáfora direta por repetição (“... que há na venda...”; “...entra na venda...”; “...para os lados da venda.”; “... virá alguém à venda...”; “... para dentro da venda.”; “Nenhuma virá até à venda...”; “... entra na venda...”).

Há uma série de referentes introduzidos no discurso que se relacionam com o referente “a venda” de duas formas: ou são entendidos como partes da venda (“partes” aqui entendido não apenas como partes materiais ou estruturais, mas como referentes prototipicamente localizados no interior de outros referentes; cf. Silva, 2005), ou são entendidos como referentes cuja representação semântica faz parte do campo conceptual de “venda” (referentes que os falantes associam ao campo lexical de “venda”). Em ambos os casos, esses novos referentes são introduzidos por anáforas indiretas de tipo associativo, consubstanciadas em expressões nominais definidas. No caso de “partes da venda” encontramos, no texto, os referentes “os caixotes...” / “o caixote”, “o umbral da porta”, “a portinha que dá para os fundos da casa”, “o balcão” e “a terra negra”. No caso de referentes pertencentes ao campo conceptual de “venda”, encontramos “a medida”, “o melhor vinho...”, “a caixa de lata enferrujada” e “o canudinho de papel”¹³. De notar que a introdução do referente “copo” é feita com uma expressão indefinida (“um copo”), ou seja, é usada a estratégia canónica para a introdução de novos referentes discursivos. Este referente é retomado, naturalmente, através de expressões definidas (em anáforas diretas por repetição: “Volta a encher o copo...”; “... diante do copo...”).

O exterior da venda

A descrição inicial inclui não só espaços interiores, mas também exteriores. Efetivamente, a monotonia na vida de Batola tinha reflexo na paisagem que envolvia a venda. Os novos referentes são introduzidos, com duas exceções, por expressões definidas, que realizam tipos diversos de anáforas indiretas associativas, essencialmente anáforas que são construídas a partir do campo léxico-conceptual “Alentejo”. Assim, perto de “a parede” da venda (uma anáfora indireta associativa de tipo meronímico), podemos encontrar “o banco”, “o velho caminho” e “os fios da eletricidade”, para além de “uma tomada de corrente que cai dos fios” (referente introduzido por expressão indefinida). Mais longe, a paisagem é composta essencialmente por “os campos”, referente que é retomado por anáfora direta por repetição (“... a solidão dos campos ...”) e por uma anáfora direta através de descrição definida (“aquela monotonia desolada”), que contribui para uma caracterização psicológica da personagem principal¹⁴. A descrição do espaço exterior é completada com um caso de catáfora (“...o mesmo: aí umas quinze casinhas desgarradas e nuas... a solidão dos campos...”), que envolve a introdução de novos referentes discursivos através de expressão indefinida (“umas quinze casinhas desgarradas e nuas”).

Outras personagens

Ao longo da situação inicial, são referidas outras personagens. A mais relevante, por contribuir indiretamente para a caracterização de Batola, é “o velho Rata”. Este referente é retomado através de diversos casos de anáfora zero (e.g., “Pedia de monte a monte...”), de anáfora direta pronominal (“...ouvi-lo...”; “... matava-lhe...”), anáfora direta por repetição total ou parcial (“o velho Rata”; “o Rata”) e por anáfora direta por descrição definida (“... o mendigo...”). De referir que, associada a esta personagem, ocorre no texto um caso de anáfora indireta por nominalização. De facto, a expressão nominal “a recordação” recupera o referente textual “Só o Batola o recorda lá de vez em quando.”

As restantes personagens são meros figurantes: por exemplo, “aquela meia dúzia de fregueses”, uma anáfora indireta não associativa (de tipo demonstrativo; cf. Silva, 2005), que se liga à “venda”, ou “os homens”, introduzido com expressão nominal definida, que retoma, através de anáfora indireta associativa (meronímica) a expressão “a gente da aldeia”. As exceções são “um rapazito” (“Às vezes, um rapazito entra na

¹³ Não consideramos, nesta lista, “o café”, dado este referente ter sido introduzido através do discurso direto: a primeira ocorrência deste referente no relato do narrador não é, efetivamente, a primeira ocorrência no texto.

¹⁴ Para essa mesma função contribui ainda a expressão “que despropósito de plainos sem fim, todos de roda da aldeia, e desertos!”.

venda...”) e “figurinhas” (“Lá vêm figurinhas dobradas pelos atalhos...”), que introduzem referentes discursivos através de expressões indefinidas.

Em suma, com raríssimas exceções (*um copo, uma tomada de corrente, umas quinze casinhas, um rapazito, figurinhas*), a introdução de novos referentes discursivos na primeira parte do conto é feita através de expressões definidas (*a mulher, a casa, os fundos, a venda, os caixotes, o umbral da porta, a portinha, o balcão, o caixote, a terra negra, a medida, o melhor vinho, a caixa de lata, o café, o canudinho de papel, o banco, a parede, o velho caminho, os fios da eletricidade, os campos, aquela monotonia desolada, a solidão dos campos, os homens, a aldeia, o velho Rata*), quando o que seria de esperar seriam expressões indefinidas, não em todos, mas em muitos destes casos. Esta opção parece constituir uma estratégia para tornar mais monótona a vida de Batola, que é descrita na situação inicial: tudo é mais do que conhecido, não existem novidades. Quanto à retoma dos referentes discursivos, é feita com variadas estratégias de anáfora direta e indireta.

O vigésimo segundo parágrafo é a charneira entre a longa situação inicial, com expressões definidas a introduzir referentes discursivos, e a complicação que vai desencadear a mudança na situação inicial, em que predominam expressões indefinidas a introduzir referentes discursivos. Esta ligação é condensada na oração “aquela noite é a véspera de um extraordinário acontecimento”, com um sujeito que ainda é uma expressão definida, mas um predicativo do sujeito que, embora seja, na globalidade, uma expressão definida, contém, no seu interior, um complemento de nome que engloba a expressão indefinida “um acontecimento extraordinário”.

4.2. Análise da 2.^a parte (complicação)

A complicação ocupa os parágrafos 23-66 e o que caracteriza esta parte, do ponto de vista referencial, é o facto de a introdução de referentes discursivos ser feita frequentemente através de expressões indefinidas. Embora seja esta a estratégia canónica para a introdução de novos referentes, é de notar que esta mudança reflete o conteúdo narrado. Com efeito, a monotonia da vida de Batola é quebrada pela chegada do vendedor de telefonias, que traz com ele uma série de novidades que irão ter repercussão na vida de todos os habitantes da aldeia.

Em alguns casos, os novos referentes não voltam a ser retomados nesta parte do texto. É o caso de “mulheres e crianças”, “quatro grandes botões negros”, “ruídos ásperos”, “uma música modulada, grave”, “um largo impresso”, “doze letras” e “um papel qualquer”. Noutros casos, essas expressões indefinidas são o primeiro elo de uma cadeia referencial, sendo as retomas, naturalmente, feitas através de expressões definidas. São disto exemplo os casos de: “um motor”, retomado com “o carro” (anáfora indireta associativa); “um retângulo azul”, retomado com “o retângulo azul” (anáfora direta por repetição); “uma outra caixa”, retomado com “a tomada” e “o fio que sai da caixa” (anáforas indiretas associativas), “a caixinha” (anáfora nominal por repetição) e “a música” (anáfora indireta associativa).

A respeito desta questão das cadeias anafóricas, são de salientar os casos das duas novas personagens, em particular o vendedor, cujas retomas vão refletindo o conhecimento que as restantes personagens têm da sua identidade.

Estas duas personagens – vendedor e motorista – são introduzidos pela expressão indefinida “dois homens” e a primeira retoma de cada um deles é feita por anáfora direta pronominal (“Um deles” / “o outro”). A partir daqui, as retomas vão variar em extensão, sendo a do motorista muito mais pequena (“O do fato de ganga” e “o motorista”, ambas anáforas diretas por descrição definida. Já a do vendedor, por ter uma maior intervenção, é mais extensa e variada. Para além dos muitos casos de anáfora zero (“Aponta...”, “Poisa...”), a retoma é feita por: “o sujeito bem vestido” (anáfora direta por descrição definida), “o homem” (anáfora direta por repetição), “o sujeito...” (anáfora direta por sinonímia), “o homem...”, “as mãos” (anáfora indireta associativa), “o homem”, “o vendedor” (anáfora direta por descrição definida), “o vendedor”, “o homem bem vestido” (anáfora direta por descrição definida), “o vendedor de telefonias” (anáfora direta por descrição definida), “o vendedor” e, para terminar, novamente “o homem”.

De particular interesse nesta enumeração são as anáforas por descrição definida. Assim, “o sujeito bem vestido” pode ser considerado como correspondendo à primeira impressão que Batola tem desta personagem. Contudo, passa a ser “o vendedor” na altura em que convence Batola a assinar os papéis. Aquando da discussão com a mulher, volta a ser “o homem bem vestido”, mas retrocede novamente, agora para uma expressão que o caracteriza de forma mais completa e relevante para a compreensão da ação, como “o vendedor de telefonias”, quando Batola dá a sua palavra final. Por outras palavras, a revelação da identidade desta personagem é feita gradualmente, através do uso deste tipo de anáfora, acompanhando a evolução da própria ação, nomeadamente do processo de venda do aparelho de rádio.

É importante referir que, nesta segunda parte do texto, há também referentes discursivos que são introduzidos por expressões definidas, o que acontece porque estabelecem nexos anafóricos, tal como se verificou na primeira parte. Ou seja, se, na primeira parte, predominam as expressões definidas a introduzir referentes discursivos (com algumas exceções), na segunda parte predominam as expressões indefinidas na introdução de novos referentes, havendo, contudo, novamente, algumas exceções. São disso exemplo os seguintes casos (antecedente e termo anafórico destacados a itálico):

- (i) “...o vendedor preenche, sobre o balcão, um largo impresso...” e “Dá a caneta ao Batola...” (anáfora indireta associativa);
- (ii) “Então, inicia-se *uma luta* entre o vendedor e a mulher.” e “Mas *as frases* e *o sorriso* do homem bem vestido não surtem agora o mesmo efeito...” (anáfora indireta associativa, dado que as frases e o sorriso eram instrumentos usados pelo vendedor na “luta”, ou seja, na discussão);
- (iii) “o *carro*” e “a *tampazinha*” (anáfora indireta associativa);
- (iv) “o *carro*” e “o *ruído do motor*” (anáfora indireta associativa);
- (v) “a *infusa*” e “a *água*” (anáfora indireta associativa);
- (vi) “a *pasta*” e “os *papéis*” (anáfora indireta associativa);
- (vii) “Entra na venda, põe-se a *observar as prateleiras*. O *exame* parece agradar-lhe.” (anáfora indireta por nominalização);
- (viii) “... *apareceu uma nuvenzinha de poeira*...” / “... *ouvia-se ronronar um motor*.” / “... o *carro parou à porta da venda*” e “Fazia anos que *tal se não dava na aldeia*.” (pronominalização).

Para concluir, nesta segunda parte do texto, em que surgem novidades na vida de Batola, os novos referentes discursivos são introduzidos tipicamente por expressões indefinidas, ou seja, segue-se a estratégia canónica de introdução de novos referentes, dado que o uso de artigo indefinido corresponde à instrução de que se trata de entidades não conhecidas do interlocutor. Ainda assim, há casos (poucos) de entidades cuja primeira referência é feita por expressões definidas. Nestes casos, trata-se essencialmente de anáforas indiretas associativas, havendo ainda um caso de nominalização e outro de pronominalização.

As anáforas usadas para a retoma da personagem “vendedor” são particularmente interessantes, na medida em que espelham o conhecimento que Batola tem dessa personagem, passando de mero desconhecido que aparece à porta da venda ao vendedor da telefonia que vai mudar a vida de Batola e de toda a aldeia.

5. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo fundamental fazer uma descrição de um mecanismo linguístico que muito contribui para a coesão textual – a anáfora –, destacando o papel que desempenham os artigos definido e indefinido. Depois de uma breve apresentação dos vários tipos de anáforas, detivemo-nos sobre o papel dos artigos na coesão textual, mas, sobretudo, no conto “Sempre é uma Companhia”, de Manuel da Fonseca. A escolha deste texto deveu-se ao facto de ser uma das obras propostas para interpretação e análise no 12.º ano de escolaridade do ensino em Portugal.

Com o estudo feito, procuramos mostrar que é possível trabalhar com os alunos a interpretação literária do texto em articulação com o estudo da gramática: efetivamente, o significado do texto é veiculado por mecanismos gramaticais, pelo que a sua explicitação contribui para uma análise e interpretação mais fundamentadas. Procuramos, portanto, exemplificar uma forma de fundamentar uma abordagem literária a

“Sempre é uma companhia” com dados de uma análise gramatical, nomeadamente da análise das cadeias anafóricas estabelecidas ao longo de grande parte do conto, assim como dos mecanismos linguísticos usados para introduzir e retomar referentes discursivos. Procuramos ainda explicitar como as opções do autor na seleção destes mecanismos podem ser interpretadas, tendo em consideração a macroestrutura textual e os objetivos comunicativos.

Naturalmente, caberá a cada professor escolher a melhor forma de didatizar os conteúdos aqui abordados, pelo que este trabalho procura apenas sugerir percursos que outros terão de construir.¹⁵

Referências bibliográficas

- Adam, J.-M. (2001). *Les textes: Types et prototypes*. Armand Colin.
- Despacho n.º 8476 – A/2018, do Ministério da Educação. (2018). *Diário da República: 2.ª Série*, n.º 168.
- Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/ESecundario/despacho_ae_secundario.pdf
- Belchior, M. L. (1980). Da poesia de Manuel da Fonseca ou a demanda do Paraíso. In *Três ensaios sobre a obra de Manuel da Fonseca* (pp. 11–50). Seara Nova.
- Duarte, I. (1992). Oficina gramatical: contextos de uso obrigatório do conjuntivo. In M. R. Delgado-Martins et al. (Eds.), *Para a didáctica do português: Seis estudos de linguística* (pp. 165–177). Edições Colibri.
- Esparza Torres, M. A. (2006). Pautas para el análisis de la cohesión y la coherencia en textos. *Revista de Filología Hispánica*, 21(1), 58–89.

¹⁵ A título meramente ilustrativo, apresentamos, de acordo com as orientações estratégicas de ensino propostas nas *Aprendizagens Essenciais*, alguns exercícios destinados aos alunos para identificação de cadeias de referência anafórica que permitem a coesão e progressão de um texto.

1. Observe um excerto do conto “Sempre é uma companhia”.

“De facto, era sol-posto, pelos atalhos, **os ceifeiros** recolhiam à aldeia.
Mas, nessa tarde, vieram todos à venda, onde entraram com um olhar admirado. **Uma voz** forte, rápida, dava notícias da guerra.
Só de lá saíram depois de a voz se calar. Cearam à pressa, e voltaram. Era já alta noite quando recolheram a casa, discutindo ainda, pelas portas, numa grande animação.
Um sopro de vida paira agora sobre **a aldeia**. Todos sabem o que acontece fora dali. E sentem que não estão já tão distantes as suas pobres casas. Até as mulheres vêm para a venda depois da ceia. Há assuntos de sobra para conversar. E grandes silêncios quando aquela voz poderosa fala de cidades conquistadas, divisões vencidas, bombardeamentos, ofensivas. Também silêncio para ouvir as melodias que vêm de longe até à aldeia, e que são tão bonitas! ...”

 - 1.1. Identifique os termos que estabelecem uma cadeia anafórica com os antecedentes destacados.
 - 1.2. Indique os processos utilizados que permitem a coesão textual.
2. Realize agora o inverso do exercício anterior, isto é, identifique o(s) antecedente(s) dos termos anafóricos destacados.

“Acontece até que, certa noite, se arma uma festa na venda do Batola. Até as velhas dançaram ao som da telefonia. Nos intervalos, os homens bebiam um copo, junto ao balcão, os pares namoravam-se, pelos cantos. Por fim, mudou-se de posto para ouvir as notícias do mundo. **Todos** se quedaram, atentos.
– Ah! – grita de repente o Batola. – Se o Rata ouvisse estas coisas não **se** matava!
Mas ninguém **o** compreende, de absorvidos que estão.”

 - 2.1. Indique o tipo de anáfora presente nos exemplos acima.
3. Construa agora uma frase com um termo anafórico que complete o sentido de cada uma das frases apresentadas, de acordo com a narrativa. (Exercício inspirado em Lopes & Carapinha, 2013.)
 - a. “E os dias passam agora rápidos para António Barrasquinho, o Batola”. ...
 - b. “Só a mulher deixou de aparecer na venda”. ...
 - c. “Foi a primeira noite em que os homens saíram da venda mudos e taciturnos”. ...
4. Observe as frases.
 - a. Um ceifeiro ficou dentro da venda. Um ceifeiro veio buscar vinho.
 - 4.1. Explique por que razão não há relação anafórica entre as duas frases.
 - 4.2. Altere a segunda frase de forma a que passe a existir uma relação antecedente/termo anafórico. Indique o tipo de mudança operada na frase que construiu.

- Fonseca, F. I. (2000). Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura. In C. Reis et al. (Eds.), *Didáctica da língua e da literatura* (Vol. 1, pp. 37–45). Almedina/ILLP Faculdade de Letras.
- Leal, A. (2009). *Semântica aspectual e nominal: Contributo das expressões nominais para a construção aspectual das frases* [Tese de doutoramento, Universidade do Porto].
- Leal, A., Oliveira, M. F., Silvano, P., Ferreira, I., & Silva, F. (2015). Tempo e aspeto em “Famílias desavindas”, de Mário de Carvalho. In E. Ferreira, F. Viegas, J. P. Aldo, L. Redes, P. Ferreiro, & T. Cunha (Eds.), *Atas do 11.º Encontro Nacional da APP - Literatura e gramática: Um diálogo infinito*. Associação de Professores de Português.
- Leonetti, M. (1999). El artículo. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (pp. 787–890). Espasa.
- Lopes, A. C. M., & Carapinha, C. (2013). *Texto, coesão e coerência*. Almedina/CELGA.
- Mendes, A. (2013). Organização textual e articulação de orações. In E. P. Raposo et al. (Eds.), *Gramática do português* (pp. 1691–1709). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reichenbach, H. (1947). *Elements of symbolic logic* (pp. 258–265). The Macmillan Company.
- Rocheta, M. I. (1980). Sobre “O fogo e as cinzas” de Manuel da Fonseca. In *Três ensaios sobre a obra de Manuel da Fonseca* (pp. 51–76). Seara Nova.
- Russell, B. (1905). On denoting. *Mind*, 14(4), 479–493.
- Silva, F. (2005). *Contributos para a descrição da anáfora associativa em Português Europeu* [Tese de doutoramento, Universidade do Porto].
- Silvano, P., & Rodrigues, S. V. (2010). A pedagogia dos discursos e o laboratório gramatical no ensino da gramática. In A. M. Brito (Ed.), *Gramática: História, teorias, aplicações* (pp. 275–286). FLUP.
- Soares, I. (1998). *Sobre a semântica dos nomes próprios* [Tese de mestrado, Universidade do Porto].
- Fonseca, M. (1998). Sempre é uma companhia. In *O fogo e as cinzas*. Editorial Caminho.